T758
Trabalho, tecnologias, multinacionais e migrações: desafios contemporâneos dos direitos humanos na ordem democrática global [Recurso eletrônico on-line] organização IV Congresso De Estudos Jurídicos Internacionais e I Seminário Internacional De Pesquisa Trabalho, Tecnologias, Multinacionais E Migrações -TTMMs – Belo Horizonte;

Organizadores: Fabrício Bertini Pasquot Polido, Maria Rosaria Barbato e Natália das Chagas Moura – Belo Horizonte, 2018.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-671-0
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Desafios contemporâneos e expansão dos direitos humanos na ordem democrática global

1. Trabalho. 2. Tecnologias. 3. Multinacionais. 4. Migrações. I. I Congresso de Tecnologias Aplicadas ao Direito (1:2018 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34

INTRODUÇÃO

O conto “Dama da Noite”, eleito como recurso literário neste artigo, cujo autor é Caio Fernando Abreu (1948-1996) – escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro, considerado um legítimo representante da geração que marcou a cena cultural do país nos anos 80 – retrata a exclusão social das prostitutas.

Trata-se de um monólogo construído por uma prostituta que externa digressões existenciais a um jovem rapaz, o boy, sentado perto dela num bar. As contendas paradoxais ressaltam o sentimento do não pertencimento aos padrões sociais e seu corpo enquanto espaço de enunciação da marginalidade, resistência e luta por reconhecimento dos seus direitos.

Ela diz que a chamam de Dama da Noite, mas seu verdadeiro nome não é revelado. Certamente o fato de não ter nome carrega uma simbologia importante na narrativa: reforça sua invisibilidade social através da negação de sua identidade e, ao mesmo tempo, faz com que ela possa representar todas as prostitutas em um único corpo estereotipado e desviante. O discurso enunciador relata não apenas os conflitos psicológicos e sociais da prostituta, mas faz o cruzamento destes com a mudez do boy, representativa da apatia social acerca do diferente.

A linguagem despudorada e contundente utilizada no monólogo é uma provocação à sociedade, nele representada pela roda gigante – na qual ela gostaria de entrar e não consegue – e pela indiferença do boy diante das reflexões da prostituta. Observa-se que ela fala tanto da roda gigante e seu movimento de exclusão que com ela divide o papel de protagonista da história.

O conto consiste, portanto, na encenação do embate entre prostituição e sociedade. Utilizando como referenciais teóricos Michel Foucault, Anthony Giddens, David Le Breton, Giorgio Agamben, Zygmunt Bauman, José Gil e Antonio Candido, bem como os dispositivos e a justificativa do Projeto de Lei 4.211/2012, mais conhecido como Projeto de Lei Gabriela Leite, pretende-se com esse trabalho dar voz ao interlocutor e construir um diálogo com a prostituta. Neste contexto, responder às suas divagações significa reconhecê-la, tirá-la do anonimato, reconhecer sua dignidade e “colocá-la na roda”.

Assim, a proposta do presente artigo é, através de uma pesquisa essencialmente bibliográfica e documental, qualitativa, conjugando Direito e Literatura, refletir sobre o não-

lugar ocupado pela prostituta e pela prostituição no âmbito do Direito – sobretudo no Direito do Trabalho –, denunciando tal postura e buscando respostas para este problema social.

1 LITERATURA E DIREITO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Considerando que a Literatura é a expressão da atividade da cultura e das ideias de uma sociedade, uma de suas funções é a representação do real. Essa representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado em um plano unidimensional por ter uma natureza distinta e pluridimensional. Assim é que o crítico e sociólogo Antonio Candido constrói o seu conceito de Literatura do qual este estudo se apropria:

> A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1972, p. 53).

A Literatura permite a criação de novos universos baseados ou inspirados na realidade da qual o escritor participa. Daí a afirmação de que a mesma vincula-se à realidade, mas dela foge através da estilização de sua linguagem. Além disso, urge um potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, tal qual faz, por outro caminho, a Ciência. Além de a obra literária ser uma forma de conhecimento, uma forma de expressão e uma construção formal artística, ela

> significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele (CANDIDO, 1972, p. 806).

A partir do conto analisado pretende-se corroborar a ideia de que a Literatura exerce uma função social importante nas sociedades. É através dela que "o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo" (ZILBERMAN, 1999, p. 84). Assim, a experiência vivenciada pelo leitor literário está diretamente relacionada ao horizonte de sua expectativa, à sua compreensão do mundo e ao seu comportamento social.

A Literatura é uma forma de saber que tende à universalidade e problematiza questões da vida social. No bojo dessas problematizações encontram-se questões que ocupam centralidade no Direito e que merecem atenção e sucessivas reflexões. Candido aponta para um caminho que leva em consideração o movimento dialético existente entre obra literária e meio social:

> Só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 1976, p.21).

A reflexão acima reforça o poder da história na produção literária e se levarmos em consideração que o Direito está na história e a luta por ele se faz nos embates dialógicos e ideológicos entre os homens, justificam-se, então, as conexões entre Literatura e Direito.

O Direito pode ser entendido como uma ciência que tem como objeto de sua formação os acontecimentos sociais, isto é, sempre surgirá diante de um contexto histórico. Pode-se afirmar, portanto, que "o direito é um fenômeno histórico. Toda e qualquer relação jurídica somente pode ser desnudada completamente com o conhecimento da história. A história é o laboratório do jurista" (VENOSA, 2006, p.7).

A obra literária de Caio Fernando Abreu não esteve imune aos fatores sociais do meio em que surgiu e a estilística do autor pode ter um efeito prático na conduta e na formação de opinião de diversos indivíduos, atuando como espaço de resistência ao padrão comportamental vigente. Seus textos interagem com o tempo histórico em que estão inseridos, abordando temas como a repressão política, a repressão sexual, homofobia e o pavor advindo do surgimento da AIDS. Esses elementos desvelam uma sociedade fragmentada e que tende a profundos questionamentos da condição humana.

Ele traduz em suas narrativas uma busca pelo reconhecimento do outro. Uma alteridade imersa num sentimento de solidão e não-pertencimento, comum aos homens e mulheres contemporâneos. A dificuldade de se criar laços de afeto em meio a um mundo composto por seres desumanizados, onde tudo possui um preço e os seres humanos são vistos como coisas, encarados como mercadorias. Tudo isso serve de manancial para sua produção literária.

No sentido de compreender as interfaces entre Direito e Literatura e tendo como objeto de análise o conto "Dama da Noite", narrativa esta que se mostra bem elucidativa para demonstrar as relações entre as duas áreas do saber e os conceitos que são forjados a partir de uma leitura atenta, procurar-se-ão, através dessa análise, as possíveis identificações e contribuições que a Literatura proporciona ao mundo jurídico, mediante sua forma clara e poética de retratar fatos e contextos sociais, dados importantes para o jurista.

2 A PROSTITUTA NO CONTO "A DAMA DA NOITE"

O conto escolhido para análise nesse estudo leva em consideração cinco elementos importantes: prostituta, resistência, marginalidade, protagonismo do diferente e identidade. Partindo das reflexões de Gil, "qualquer discurso sobre o corpo parece ter que enfrentar uma resistência. […] cada definição permanece um ponto de vista parcial, determinado por um domínio epistemológico ou cultural particular" (GIL, 1997, p.13).

O corpo é um importante elemento na Literatura e local de enunciação de acontecimentos diversos e eventos significativos do ponto de vista histórico. Partindo das discussões de Gil, quando o corpo assume uma conotação de significante flutuante – aquele que, não pertencendo a nenhum código simbólico, permite as correspondências, as metáforas e as metonímias das figurações na arte e reafirma a centralidade do homem no universo – "designa esta força primária que, no mundo primitivo, circula por toda a parte entre os diversos mundos, atravessando os códigos, enchendo os seres e as coisas de poderes, de sorte e de vida" (GIL, 1997, p. 25).

Ao revelar o que deve permanecer oculto, o corpo da prostituta subverte a mais sagrada ordem instituída e a norma. Como forma de punição e segregação, em atendimento aos dispositivos normativos, são aplicadas medidas de controle, dentre elas, a exclusão do círculo social. Trata-se de uma deslocalização que conduz a pensar no conceito de campo desenvolvido por Agamben.

No livro *Homo Sacer* – "adjetivo que parece designar um indivíduo que, tendo sido excluído da comunidade, pode ser morto impunemente" (AGAMBEN, 2007, p. 69) – considera-se campo como um espaço onde se materializa o estado de exceção e se cria, com isso, um espaço de vida nua, e também o espaço onde a mais absoluta condição inumana é atingida (AGAMBEN, 2002, p. 41). Para ele a inscrição do campo é a matriz escondida e *nómos* do espaço político em que ainda vivemos, ou seja, não se trata de um evento marginal, mas de um espaço que se inscreve no centro da política moderna e totalizadora.

Assim, a prostituta representada no conto "Dama da Noite" não tem nome e foge ao padrão comportamental vigente, a partir de um protagonismo do diferente, ou seja, a partir dos sentimentos de uma personagem marginal, fora do padrão comportamental socialmente aceito, mas que na obra em questão é a detentora da voz que nos conta a história. A forma como se deu esse protagonismo faz da narrativa um espaço de resistência ao padrão imposto.

Ao longo da história da humanidade, a prostituição é vista como forma de transgressão feminina, por (en)carnar a sensualidade e o desabrochamento como desvio de uma conduta normativa. Por ser "lugar venal da sexualidade", a prostituta "é" capaz de subverter as normas, os padrões morais da sociedade e ser guardiã das muitas transformações da história. Ao contrário dos escritores de Literatura, os historiadores nem sempre dão atenção a essa parcela da sociedade. Nesse sentido, seria interessante

> [...] compreender nossa sociedade e nossa civilização através de seus sistemas de exclusão, de rejeição, de recusa, através daquilo que elas não querem, seus limites, a obrigação em que se encontram de suprimir um certo número de coisas, de pessoas, de processos, o que elas devem deixar soçobrar no esquecimento, seu sistema de repressão-supressão (FOUCAULT, 1971, p. 14-15).

Ao debruçar sobre essa temática, percebemos no exercício da sexualidade um sistema de exclusão estruturado e isso se liga ao objetivo de Foucault em *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 2010) em que a proposta principal não foi fazer uma "história dos comportamentos nem uma história das representações, nem tampouco mostrar a evolução das práticas e das condutas sexuais" (FOUCAULT, 2010, p. 9). Tratava-se, para ele, de fazer a história da sexualidade enquanto experiência, percebendo de que forma, "nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma sexualidade [...] que se articula em um sistema de regras e coerções" (FOUCAULT, 2010, p. 10).

> (...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.
> Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. [...] em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se derrama e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

De acordo com Giddens, no século XIX e início do século XX, "a sexualidade desenvolveu-se como um segredo que, a seguir, teve de ser incessantemente guardado, e contra o qual era preciso se precaver" (1993, p. 28).

A Dama da Noite, personagem principal do conto escrito por Caio Fernando Abreu, do gênero feminino e com idade acima dos 35 anos de idade, desfere as seguintes reflexões iniciais na narrativa:

> Como se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora. Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar. Olhando de fora, a cara cheia, louca de vontade de estar lá, rodando junto com eles nessa roda idiota - Tá me entendendo, garotão? (ABREU, 1988).

Destaca-se a metáfora da roda gigante com a vida. A Dama da Noite é uma personagem marginal, fora do padrão socialmente aceito e que assiste às pessoas embarcarem naquela roda, girando, dialogando, sem que ela consiga participar deste mundo. Por estar fora da roda, ela não é ninguém, é um ser invisível, sem nome, sem identidade. Neste sentido, Bauman aponta que

> (...) a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... [...] Há um espaço ainda mais abjeto – um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de "subclasse": exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade – fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. (2005, p. 45)

Oportuno salientar que a prostituição é vista por uma parcela da população, sobretudo grupos feministas, como uma das principais formas de opressão das mulheres,

através da manutenção da supremacia masculina, em virtude dessa atividade ser mantida, geralmente, por meios de coerção física e psíquica que perpetuam a dominação masculina através da exploração sexual de outros.

O trecho a seguir destaca o isolamento da "mulher de vida fácil" que, semelhante aos morcegos, dorme durante o dia para viver a noite.

> Nada, você não entende nada. Dama da noite. Todos me chamam e nem sabem que durmo o dia inteiro. Não suporto: luz, também nunca tenho nada pra fazer - o quê? Umas rendas aí. É, macetes. Não dou detalhe, não adianta insistir. Mutreta, trambique, muamba. Já falei: não adianta insistir, boy (ABREU, 1988).

Durante todo o tempo é a protagonista quem detém a palavra, é a sua perspectiva de mundo, suas experiências, anseios e frustrações que são relatadas. A escolha desse formato dá credibilidade ao depoimento da Dama da Noite, pois não é uma descrição feita por um terceiro. Caio Fernando dá voz à marginalizada e o protagonismo do diferente ganha força denunciatória que analisa o movimento das pessoas que a circundam.

> A roda? Não sei se é você que escolhe, não. Olha bem pra mim – tenho cara de quem escolheu alguma coisa na vida? Quando dei por mim, todo mundo já tinha decorado a tal palavrinha-chave e tava a mil, seu lugarzinho seguro, rodando na roda. Menos eu, menos eu. Quem roda na roda fica contente. Quem não roda se fode (ABREU, 1988).

Outro sentido para a metáfora da roda é uma alusão às desventuras num mundo onde contrariar a lógica do socialmente aceito é sinônimo de exclusão. Assim, podemos destacar que "a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta" (GIDDENS, 1993, p. 33). Essa elaboração social que opera nos campos do poder é que servem para definir os padrões moralmente aceitos. O que é a roda? Quem roda na roda? Quem está fora da roda? Esses questionamentos são importantes e balizam o conto no sentido de provocar a reflexão do leitor.

Outro ponto importante que merece destaque nessa análise é a invisibilidade da coerção da mulher que adentra a prostituição, pois, na verdade, isso não importa para o contexto a qual está inserida, já que, para a estrutura patriarcal e machista, a prostituição é considerada sexo, e sexo é o que a mulher é. Portanto, por detrás da ideia de "livre escolha", há um padrão de sexualidade existente e resistente na sociedade. É essa sexualidade feminina, base da subordinação da mulher, a qual está disponível para todos os homens.

Nota-se que a narradora-personagem se expressa de forma a ganhar simpatia e proximidade do leitor, que se deixa ser seduzido pelas descrições existenciais, subjetivas e sociais de quem está com a palavra. Em vários trechos do conto, podem-se identificar os seus diálogos diretos com o leitor e as indagações que promove no desenvolvimento da narrativa.

Dar voz à personagem marginalizada, denunciar a exclusão e não reconhecimento da prostituta nas sociedades contemporâneas como possuidoras de direitos é reforçar paradigmas arcaicos. Enquanto as mulheres forem vistas como sexo, enquanto a violência contra as mulheres for tolerada, e enquanto houver divisão sexual do trabalho, a prostituição será um ofício violento, estigmatizado, desprezado e não reconhecido.

> Essa roda girando, girando sem parar. Olha bem: quem roda nela? As mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana pra comprar um carro, os executivozinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas. Estar fora da roda é não segurar nenhuma, não querer nada. [...] Mas eu quero mais é aquilo que não posso comprar (ABREU, 1988).

As reflexões apresentadas engendram melancolicamente questões impostas pelos valores socialmente aceitos. Das entrelinhas textuais emanam discursos reveladores das incoerências sociais existentes e nos relacionamentos idealizados.

3 O PROTAGONISMO DA DAMA DA NOITE PARA ALÉM DO CONTO: SUA INTERLOCUÇÃO COM O PROJETO DE LEI GABRIELA LEITE

Neste trabalho discute-se a representação da prostituta na Literatura, sua marginalização e o seu protagonismo como detentora de voz ao narrar o conto "Dama da Noite". A origem etimológica do termo protagonismo remete a palavra *protagonistés* que, no idioma grego, significava o ator principal de uma peça teatral, ou aquele que ocupava o lugar principal em um acontecimento (FERREIRA, 2004). As restrições mais comuns em relação ao uso desse termo, no jargão sociológico, se devem a fatores de ordem política, uma vez que a utilização alternativa da palavra "participação" parece sugerir "uma abordagem mais democrática na ação social, sem colocar em destaque um protagonista singular" (FERRETTI, ZIBAS; TARTUCE, 2004, p. 3).

Não obstante esta observação – de substituir "protagonizar" por "participar" da ação social inscrita no Estado Democrático de Direito –, nota-se que há um movimento legislativo de personificar leis e projetos de leis, atribuindo-lhes nomes de pessoas que

representam ou representaram a luta pelo direito que passou a ser garantido ou melhor efetivado a partir de sua entrada em vigor. Como exemplos clássicos temos a Lei Maria da Penha (vítima emblemática da violência doméstica/familiar contra a mulher) e a Lei Carolina Dieckmann (atriz que teve fotos íntimas divulgadas, sem autorização, nas redes sociais).

Nessa mesma linha, o Projeto de Lei Gabriela Leite, de autoria do Deputado Federal Jean Wyllys (PSOL/RJ) foi "batizado" com o nome de uma prostituta que personificou a luta pelos direitos desta minoria social, "geralmente vilipendiada pelo moralismo, restando estigmatizada na sociedade" (NUCCI, 2014, p. 17).

Assim como Gabriela Leite, a Dama da Noite, como porta voz do mundo da prostituição, denuncia a opressão, a segregação, a solidão e esvaziamento do sujeito que vive o não-lugar, demonstrando que "as representações sociais atribuem ao corpo uma posição determinada no meio do simbolismo geral da sociedade" (LE BRETON, 2013, p.1).

No conto a Dama da Noite discursa sozinha e não há interação do boy em seu discurso, como se ela estivesse falando num completo vácuo. Esse descompasso, essa falta de interação, escancara a existência de discursos distintos nas entrelinhas, um que reconhece a prostituta e outro que a ignora.

O presente estudo propõe uma releitura do conto de Caio Fernando Abreu, criando um interlocutor para a Dama da Noite que demonstra conhecimento de sua causa e interesse pela mesma, tendo como base o texto e a justificativa do Projeto de Lei Gabriela Leite. Frise-se que este dialogo literal só foi possível a partir do diálogo entre Direito e Literatura, cuja importância fora ressaltada alhures:

> Dama da Noite: – Como se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora. Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar. Olhando de fora, a cara cheia, louca de vontade de estar lá, rodando junto com eles nessa roda idiota – tá me entendendo, garotão?
>
> PL Gabriela Leite: – Sim... É de um moralismo superficial causador de injustiças a negação de direitos aos profissionais cuja existência nunca deixou de ser fomentada pela própria sociedade que a condena.
>
> Dama da Noite: – Nada, você não entende nada. Dama da noite – todos me chamam e nem sabem que durmo o dia inteiro. Não suporto: luz, também nunca tenho nada pra fazer – o quê? Umas rendas aí. É, macetes. Não dou detalhe, adianta insistir. Mutreta, trambique, muamba. Já falei: não adianta insistir, boy.

PL Gabriela Leite: – Impor a marginalização do segmento da sociedade que lida com o comércio do sexo é permitir que a exploração sexual aconteça, pois atualmente não há distinção entre a prostituição e a exploração sexual, sendo ambos marginalizados e não fiscalizados pelas autoridades competentes. Enfrentar esse mal significa regulamentar a prática de prostituição e tipificar a exploração sexual para que esta sim seja punida e prevenida.

Dama da Noite: – Agora quero falar na roda. Essa roda, você não vê, garotão? Está por aí. rodando aqui mesmo. Olha em volta, cara. Bem do teu lado (...). Levanta não, te pago outra vodca, quer? Só pra deixar eu falar mais na roda. Você é muito garoto, não entende dessas coisas (...). Deixa você passar dos trinta, trinta e cinco, ir chegando nos quarenta e não casar e nem ter esses monstros que eles chamam de filhos, casa própria nem porra nenhuma. Acordar no meio da tarde, de ressaca, olhar sua cara arrebentada no espelho. Sozinho em casa, sozinho na cidade, sozinho no mundo. Vai doer tanto, menino.

PL Gabriela Leite: – Atualmente os trabalhadores do sexo sujeitam-se a condições de trabalho aviltantes, sofrem com o envelhecimento precoce e com a falta de oportunidades da carreira, que cedo termina. Daí a necessidade do direito à aposentadoria especial, consoante o artigo 57 da Lei 8.213/1991, com redação dada pela Lei nº 9.032/1995 (...). A regulamentação da profissão do sexo permitirá alto grau de fiscalização pelas autoridades competentes, além de possibilitar e até mesmo incentivar o Poder Executivo a direcionar políticas públicas para esse segmento da sociedade (como a distribuição de preservativos, mutirões de exames médicos, etc).

Dama da Noite: – Olha bem pra mim. Tenho cara de quem escolheu alguma coisa na vida? Quando dei por mim, todo mundo já tinha decorado a tal palavrinha-chave e tava a mil, seu lugarzinho seguro, rodando na roda. Menos eu, menos eu. Quem roda na roda fica contente. Quem não roda se fode.

PL Gabriela Leite: – A proposta caminha no sentido da efetivação da dignidade humana para acabar com uma hipocrisia que priva pessoas de direitos elementares, a exemplo das questões previdenciárias e do acesso à justiça para garantir o recebimento do pagamento. Dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil figuram o da erradicação da marginalização (art. 3º inciso III da CRFB) e o da promoção do bem de todos (art. 3º, inciso IV). Além disso, são invioláveis, pelo artigo 5º da Carta Magna, a liberdade, a igualdade e a segurança. O atual estágio normativo – que não reconhece os trabalhadores do sexo como profissionais – padece de inconstitucionalidade, pois gera exclusão social e marginalização de um setor da sociedade que sofre preconceito e é considerado culpado de qualquer violência contra si, além de não ser destinatário de políticas públicas da saúde.

Dama da Noite: – Que nem eu, você acha que eu pareço muito fodida? Um pouco eu sei que sim, mas fala a verdade: muito? Falso, eu tenho uns amigos, sim. Fodidos que nem eu. Prefiro não andar com eles, me fazem mal. Gente da minha idade, mesmo tipo de. Ia dizer problema, puro hábito: não tem problema. Você sabe, um saco. Que nem espelho: eu olho pra cara fodida deles e tá lá escrita escarrada a minha própria cara fodida também, igualzinha à cara deles. Alguns rodam na roda, mas rodam fodidamente. Não rodam que nem você (...). Tem umas coisas que a gente vai deixando, vai deixando, vai deixando de ser e nem percebe. Quando viu, babau, já não é mais. Mocidade é isso aí, sabia? Sabe nada: você roda na roda também, quer uma prova? Todo esse pessoal da preto e cabelo arrepiadinho sorri pra você porque você é igual a eles. Se pintar uma festa, te dão um toque, mesmo sem te conhecer. Isso é rodar na roda, meu bem. Pra mim, não. Nenhum sorriso. Cumplicidade zero. Eu não sou igual a eles, eles sabem disso.

> Você não conhece esse gosto que é o gosto que faz com que a gente fique fora da roda que roda e roda e que se foda rodando sem parar, porque o rodar dela é o rodar de quem consegue fingir que não viu o que viu.
>
> PL Gabriela Leite: – Uma ideia para que a situação das prostitutas melhorasse seria distinguir prostituição de exploração sexual, deixando claro que profissional do sexo é toda pessoa maior de 18 anos e absolutamente capaz que voluntariamente presta serviços sexuais mediante remuneração, podendo trabalhar de forma autônoma; coletivamente, em cooperativas; ou em casas de prostituição, desde que nela não seja praticada exploração sexual, como a apropriação total ou maior que 50% do rendimento de prestação de serviço sexual por terceiro, não pagamento pelo serviço sexual contratado ou que a prostituição seja exercida de forma coercitiva, mediante violência ou grave ameaça.
>
> Dama da Noite: – Fissura, estou ficando tonta. Essa roda girando girando sem parar. Olha bem: quem roda nela? As mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana pra comprar um carro, os executivozinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas. Estar fora da roda é não segurar nenhuma, não querer nada. Feito eu: não seguro picas, não quero ninguém. Nem você. Quero não, boy. Se eu quiser, posso ter (...). Mas eu quero mais é aquilo que não posso comprar.
>
> PL Gabriela Leite: – Sei o que não pode comprar... a retirada dos profissionais do sexo do submundo, trazendo-os para o campo da licitude e garantindo-lhes a dignidade inerente a todos os seres humanos.
>
> Dama da Noite: – Divida essa sua juventude estúpida com a gatinha ali do lado, meu bem. Eu vou embora sozinha. Eu tenho um sonho, eu tenho um destino, e se bater o carro e arrebentar a cara toda saindo daqui, continua tudo certo. Fora da roda, montada na minha loucura.

Buscou-se ser fiel à escrita do conto Dama da Noite e ao Projeto de Lei em questão, vontade esta que culminou em falas representativas da literalidade de ambos os textos. Deu-se vida ao diálogo entre Direito e Literatura que, normalmente, fica no campo da cogitação de ideias.

Necessário se torna não esquecer que uma das funções da arte é a de alerta e reflexão crítica social. Estabelecendo, então, um diálogo entre um texto literário e um texto jurídico, nossa intenção é de lembrar que as discussões interdisciplinares são espaços privilegiados através dos quais podem ser veiculados valores existenciais, éticos e mais humanos para as sociedades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre Literatura e Direito enriquece e amplia o conhecimento com informações interdisciplinares provenientes destas duas áreas evidenciadas nesse artigo. A

argumentação não só mostra como a literatura ajuda a fundamentar a realidade, mas como o próprio Direito se utiliza dessa ferramenta para interpretar a sociedade.

Como se vê, a Literatura é um campo fértil onde conflitos sociais, costumes, valores de uma sociedade, que são sublinhados de forma criativa, possibilitando um espaço propício para reflexões críticas.

Em um primeiro momento, evidenciou-se o conflito entre prostituição e a sociedade através da fala da Dama da Noite e a atitude omissa do boy, uma relação marcada pela exclusão.

Em um segundo momento, a partir do diálogo entre Direito e Literatura, buscou-se a interferência simultânea de ambos como engrenagem para a mudança da história, não apenas a história do conto em questão, mas da história da história social e jurídica das prostitutas, acolhendo-as, protegendo-as.

Mesmo na releitura do conto, após a inserção das falas do Projeto de Lei Gabriela Leite, não houve outra opção senão o desfecho que coaduna com a realidade da prostituição e da prostituta nos dias atuais, que em muito se distancia de um final feliz.

Por fim, ainda seguindo a proposta da releitura do conto Dama da Noite, utilizar-se-á como mensagem final deste artigo o poema de Lucia Villares utilizado por Caio Fernando Abreu para dedicá-lo a Márcia Denser, sua amiga e também escritora: “E sonho esse sonho que se estende em rua, em rua, em rua em vão”.

A mudança da ordem onde este poema aparece – saindo do início do conto e indo para o final do presente estudo – denota, ainda que forma muito sutil, certa subversão inerente à temática neles desenvolvida.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Dama da Noite. *In: Os Dragões não conhecem o Paraíso.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer.* Poder soberano e vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade* – entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem.* In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

_____ . *Literatura e sociedade.* 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional,1976.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (3a ed.). Curitiba: Positivo, 2004.

FERRETTI, C. J; ZIBAS, D. M. L; & TARTUCE, G. L. B. P. *Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio*. Cadernos de Pesquisa, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso* – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014

_____. Conversação com Michel Foucault. In: _____. *Estratégia, poder saber.* Ditos escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

_____ . *História da Sexualidade II* – O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade:* sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo.* Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

LE BRETON, David. *Antropologia do Corpo*. São Paulo: Vozes, 2013.

NUCCI, Guilherme de Souza. *Prostituição, lenocínio e tráfico de pessoas* – aspectos constitucionais e penais. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014.

VENOSA, Silvio e Salvo. *Introdução ao Estudo do Direito.* 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: *Leitura-práticas, impressos, letramentos.* (Org.) BATISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.